

Vista de Lisboa. Hoefnagel, 1598.

A IMPORTÂNCIA DE LISBOA NO TEMPO DE FERNÃO DE MAGALHÃES

THE IMPORTANCE OF LISBON IN FERNÃO DE MAGALHÃES TIME`S

*José Manuel Garcia**

1. INTRODUCCIÓN

Em 1950, uma estátua de Fernão de Magalhães foi inaugurada na Praça do Chile, em Lisboa, homenageando assim o grande navegador numa cidade que foi fundamental na sua vida. Nos quinhentos anos em que evocamos este homem e a grande viagem que o imortalizou vale a pena inseri-lo na Lisboa dos séculos XV e XVI, quando ela foi a rainha dos mares e a mãe dos Descobrimentos. Com efeito, esta cidade assumiu então um enorme protagonismo na História ao ter um papel decisivo no processo da revelação do mundo. É de realçar que foi no âmbito de um tão importante processo histórico que Fernão de Magalhães (fig. 1) acabou por identificar em toda a sua plenitude a forma da Terra.

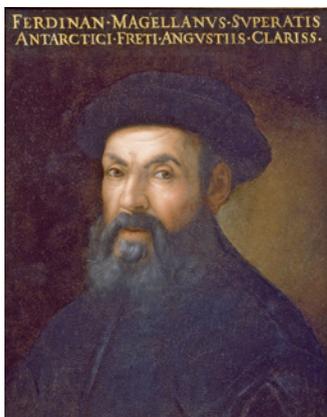


Figura 1. Retrato de Fernão de Magalhães copiado cerca de 1552 pelo pintor Cristofano dell' Altissimo, a partir de um modelo que pertenceu à coleção de Paolo Giovio reunida em Como, o qual já existia em 1535. Galleria degli Uffizi, Florença.

* Sociedade de Geografia de Lisboa. Gabinete de Estudos Olisiponenses. jgarcia@sapo.pt

Para mostrar a importância de Lisboa no tempo de Magalhães vamos tecer algumas breves considerações começando por constatar e destacar que esta cidade foi então um real e não mítico centro do mundo. Com efeito durante grande parte do século XVI era por esta urbe que tinham de passar aqueles que iam para ocidente da Europa até ao Brasil, e para oriente até à China e às Molucas, além de muitas zonas da África e da Ásia.

É neste contexto que se deve assinalar o facto de D. Manuel ter mandado construir entre 1500 e 1505 o essencial daquele que foi o seu novo Paço da Ribeira onde centralizou o seu poder numa Lisboa que queria transformar em capital imperial. Muito tempo antes dele D. Dinis (1279-1325) já começara a renovar Lisboa e sobre esse monarca o jogral João Zorro escreveu belos versos onde declarava: «Em Lisboa, sobre o mar / Barcas novas mandei fazer».

O mar de Lisboa aqui referido corresponde na realidade a dois mares, para os quais a cidade está virada: um é o mar da Palha, onde o rio Tejo tem o seu percurso virado para oriente e sul, o interior do território, e o outro é o mar oceano, o Atlântico, que na direção da foz do Tejo abre a cidade ao mundo e transformou Lisboa num cais da Europa.

Ao invocarmos a Lisboa do tempo dos Descobrimentos podemos começar por citar os eloquentes versos de Luís de Camões quando interpelou a cidade da seguinte forma: «E tu, nobre Lisboa, que no mundo / Facilmente das outras és princesa»¹. Pouco tempo antes de serem impressos estes versos, Francisco de Holanda retratou em 1571 a capital portuguesa como rainha (fig. 2) e afirmou que «Lisboa tem a presunção da maior e mais nobre cidade do mundo»².



Figura 2. Lisboa figurada alegoricamente como rainha dos mares num desenho de Francisco de Holanda em *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, 1571. Biblioteca da Ajuda, Lisboa.

¹ *Os Lusíadas*, Lisboa, António GONÇALVES, 1572, canto III, 57.

² HOLANDA, Francisco de, *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, edição de José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, p. 24.

Para integrar Lisboa em Portugal e na Europa recorremos ainda a Camões para lembrar os seus tão significativos versos: «Eis aqui se descobre a nobre Espanha, / Como cabeça ali de Europa toda»³, completados pela exclamação. «Eis aqui, quase cume da cabeça / De Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa»⁴.

A ilustração visual destes versos surgiu na Europa quinhentista num tipo de cartografia expressa em mapas sob a forma antropomórfica onde o continente foi figurado como rainha. Uma gravura com uma das versões desse mapa, que surgiu pela primeira vez em 1537, foi acrescentada em edições póstumas da *Cosmographia* de Sebastian Münster (1498-1552), de que apontamos aquela impressa em Basileia, em 1598, com o título *Cosmographie, das ist Beschreibung aller Länder (...)*. Nela se inclui a referida figura da Europa sob a forma de rainha, em que a cabeça é a *Hispania*, na qual se pode deduzir que o rosto, virando para ocidente, corresponde a Portugal (fig. 3).



Figura 3. Europa com a forma de rainha numa gravura da *Cosmographie, das ist Beschreibung aller Länder (...)*, edição póstuma da obra de Sebastian Münster, Basileia, 1598.

Na sequência destas ponderações, em que Portugal era visto como rosto da Europa, agrada-nos divulgar a belíssima alegoria à Lisboa dos Descobrimentos que foi feita no inspirado panegírico que em 1608 Luís Mendes de Vasconcelos lhe dedicou apresentando-a como os olhos da Europa.

³ *Os Lusíadas*, Lisboa, António GONÇALVES, 1572, canto III, 17.

⁴ *Idem, ibidem*, canto III, 20.

*[Considerando na Europa que] Espanha (entenda-se - Península Ibérica) é a cabeça; e nessa está Lisboa no lugar dos olhos, mostrando que ela deve ser guia e luz das mais partes da Europa, pois não só na colocação tem o lugar dos olhos, mas também no efeito se lhe deve a mesma semelhança; porque, assim como os olhos são como portas ou janelas da alma, por onde tem notícia das cousas sensíveis, esta nobilíssima cidade está na foz do Tejo, e metendo ele as suas águas no Mar Oceano é a sua foz como porta a toda Espanha (entenda-se - Península Ibérica) e a toda Europa, por onde recebem as nações dela notícia de muitas cousas que neste grandíssimo mar até nossos tempos estiveram escondidas: e assim por ela entrou a notícia e conhecimento de muitos portos, ilhas promontórios, reinos províncias e nações de que se não sabia. Pelo que assim pela colocação do sítio, como pelas mais disposições, deve esta cidade ser preferida a todas as outras da Europa e pelo consequente a todas as do mundo*⁵.

Nestas palavras Vasconcelos acabava por desenvolver uma noção que já Garcia de Resende expressara quando numa carta datada de Évora, em 20 de novembro de 1535, enalteceu Lisboa a D. Francisco de Castelo Branco ao assinalar-lhe como em Lisboa se podiam ver «as muitas naus ancoradas e as que entram e saem e o grande tráfego de tudo em que não há olhos que se fartem de ver as diversidades de cousas nem orelhas de ouvir novas de todas as partes do mundo»⁶.

Indo além das citadas expressões de Vasconcelos afirmamos ter sido Lisboa não apenas os olhos que permitiram à Europa conhecer a Terra, mas o próprio corpo que levou à realização das iniciativas necessárias para se alcançar a visão completa do planeta. Com efeito, foi desta cidade que, a partir de 1420, começaram a sair os homens que, pela primeira vez, acabaram por ir a quase todos os cantos do globo⁷.

No início da Idade Moderna conjugaram-se em Lisboa as circunstâncias que permitiram os Descobrimentos, os quais levaram a que se adquirisse a consciência de um conceito que para nós é básico, mas foi revolucionário nesses tempos: o de que a humanidade é una na sua diversidade. Foi esse o principal fruto dos Descobrimentos e Lisboa teve aí um papel de destaque como núcleo que impulsionou o sucesso de objetivos ousados.

De entre as muitas citações que podemos apresentar tendo em vista mostrar o reconhecimento da importância atribuída a Lisboa nos meados do sécu-

⁵ *Do sítio de Lisboa. Dialogo* de Luís Mendes de Vasconcelos, Lisboa, LUÍS ESTUPINÃO, 1608, p. 10-11.

⁶ Carta publicada em *O Instituto*, volume XV, Coimbra, 1872, p. 191.

⁷ GARCIA, José Manuel, «A Madeira e os seiscientos anos do início dos Descobrimentos Portugueses», *Memórias 2019*, volume XLIX, Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 281-291.

lo XVI, podemos mencionar o que Pedro de Medina publicou em 1548 em Sevilha sobre Lisboa:

*En el puerto desta ciudad ay continuo gran numero de naos y otros navios de todas suertes, y gentes de todas naciones, porque este es principal puerto de España (entenda-se - Península Ibérica): donde mas nauíos concurren y aun uno de los principales del mundo. Es puerto muy seguro es la boca del río Tajo que tiene tres leguas de ancho*⁸.

Pouco depois, em 1552, João Brandão (de Buarcos) deu uma boa ideia do movimento da navegação que havia em Lisboa ao referir que, sem contar com os numerosos navios que faziam o comércio de Lisboa com terras para lá do mar que banha a Europa: «Há mais nesta cidade um rio de porto o melhor que há em toda a costa do mar descoberto aonde acodem e entram em cada um ano 1500 naus e caravelas de todas as partes da cristandade, e isto um ano per outro», isto é, todos os anos⁹.

Lisboa, contudo, não foi a única cidade a protagonizar um papel decisivo no processo do início da expansão europeia pelo mundo. Com efeito também Sevilha se orgulhava de partilhar tal proeminência. Estamos perante uma realidade que de forma bem significativa já foi apontada por Damião de Góis no prólogo da sua obra sobre Lisboa, intitulada *Urbis Olisiponense descriptio* (Descrição da cidade de Lisboa)¹⁰, ao afirmar:

São duas as cidades que nos nossos tempos podemos chamar legitimamente senhoras do Oceano e por isso suas rainhas. Sob as suas ordens e domínio todo o Oriente e o Ocidente estão hoje abertos à navegação. Uma delas é Olisipo (Lisboa) que na foz do Tagus (Tejo) se arroga o domínio daquela parte do oceano que num abraço imenso rodeia a África e a Ásia. A outra é Hispalis (Sevilha) que voltada para a ocidente a partir do rio Betis (Guadalquivir) abriu à navegação a parte do orbe que hoje se chama Novo Mundo.

Tendo em conta estas considerações observamos que Fernão de Magalhães fez a ponte entre estas duas cidades e as duas partes do orbe cujo domínio ambas repartiam. Com efeito, foi a partir de Lisboa e de Sevilha que o

⁸ *Libro de grandezas y cosas memorables de España*, Sevilha, Domenico d'Robertis, 1548, f. LXIX v.

⁹ JOÃO BRANDÃO (de Buarcos), *Grandeza e abastança de Lisboa em 1552*, edição de José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1990, p. 107.

¹⁰ Obra que foi impressa em latim na cidade de Évora por André de Burgo, em 1554, de que traduzimos as passagens que se seguem. Sobre esta obra de Damião de Góis cf. *Elogio da cidade de Lisboa / Urbis Olisiponis descriptio*, introdução de Ilídio do Amaral; edição, tradução e comentário de Aires A. do Nascimento, Lisboa, Guimarães Editores, 2002.

grande navegador procedeu à primeira volta ao mundo realizada de forma indireta, tornando-se assim legitimamente a figura que melhor simbolizou o processo de mundialização então a começar.

O que temos por mais significativo e de realçar é a conceção de que Magalhães, ao ter centrado as suas atividades nestas duas cidades e ao ter navegado ao serviço de Portugal e de Castela, contribuiu decisivamente para que o mundo acabasse por ser conhecido tal como ele é.

É neste âmbito que relevamos a relação que Magalhães teve com Lisboa visto ter sido a partir desta cidade que ele iniciou o conhecimento da Terra ao ter daí seguido em 1505 para a Índia de onde acabou por chegar, em 1512, às Molucas do Sul. Foi desta forma que ele empreendeu a primeira metade da sua volta ao mundo, tendo concluído a segunda metade dessa volta durante a viagem que fez entre 1519 e 1521 ao serviço de Castela, quando então foi de Sevilha às Filipinas, ilhas que estão a uma longitude idêntica à das Molucas (fig. 4)¹¹.



Figura 4. A volta ao mundo dada por Fernão de Magalhães em duas etapas: a primeira com os portugueses, por oriente, entre 1505 e 1513, e a segunda com os espanhóis, por ocidente, entre 1519 e 1521.

¹¹ «Fernão de Magalhães: o primeiro homem que navegou todos os oceanos», in *Fernão de Magalhães e o conhecimento dos oceanos. XVI Simpósio de História Marítima, 19 a 21 de novembro de 2019*, coordenação Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar, Lisboa, Academia de Marinha, pp. 433-463.

A conceção tão significativa que aqui expomos resulta do facto de Magalhães ter feito a primeira circum-navegação da Terra, ainda que de forma indireta, palavra que queremos salientar em nome da clareza desta exposição. Uma tal realidade já foi afirmada incisivamente por eminentes historiadores, de entre os quais nos limitamos a destacar declarações publicadas por alguns deles. Começamos por citar uma nota muito criteriosamente elaborada por Ramón Alba na sua tradução espanhola da obra de Antonio Pigafetta, a propósito da ida de Magalhães às Filipinas, onde afirmou que então: «*Magallanes no dio más que mitad de la vuelta al mundo: pero Pigafetta dice com razón que la dio casi entera, porque ya había hecho com anterioridad lo que faltaba de la ruta desde las islas Molucas a Europa por el Cabo de Buena Esperanza*»¹². De entre outras expressões da concepção aqui apontada podemos citar as palavras escritas por personalidades notáveis de que realçamos os nomes de: Samuel Eliot Morison, que asseverou: «*The fact that Magellan sailed with Abreu as far as Ambon and Banda justifies us in naming him as the first person of any race to circumnavigate the globe*»¹³; Daniel J. Boorstin, que apontou: «Fernão de Magalhães completou a sua viagem de circum-navegação, pois nas suas anteriores viagens ao serviço dos Portugueses, ao contornar a África para aquelas ilhas, provavelmente já navegara mais para leste do que Cebu»¹⁴; Queirós Veloso, que declarou: «pode legitimamente afirmar-se que o grande navegador deu a volta ao mundo»¹⁵ e Joaquim Veríssimo Serrão, que escreveu: «Deve-se ao português Fernão de Magalhães a primeira viagem de circum-navegação» e tomou «parte na conquista de Malaca em 1511 e na exploração do arquipélago de Banda e das Molucas»¹⁶.

A evidência acima enfatizada não obscurece de forma alguma o reconhecimento do grande mérito que Juan Sebastián Elcano teve ao ter-se-lhe ficado única e exclusivamente a glória de ter concluído a primeira viagem de circum-navegação da Terra feita de seguida, pois Magalhães nunca a teria feito dessa forma, pois não a queria fazer nem estava autorizado por Carlos V a passar pela parte do mundo atribuída aos portugueses pelo Tratado de Tordesilhas.

¹² *La primera vuelta al mundo*, 3.ª edição, Madrid, Miraguano; Ediciones Polifemo 2018, p. 258.

¹³ *The european discovery of America: the southern voyages, a. D. 1492-1616*, Nova Iorque, Oxford University Press, 1974, p. 317.

¹⁴ *Os descobridores*, Lisboa, Gradiva, 1987, p. 249.

¹⁵ FERNÃO DE MAGALHÃES: *a vida e a viagem*, Lisboa, Império, 1941, pp. 95-96.

¹⁶ *História de Portugal*, volume 3, Lisboa, Verbo, 1978, p. 28.

2. LISBOA E OS DESCOBRIMENTOS

Ao abordarmos um processo da maior magnitude como é o do Descobrimento da Terra e ao evidenciar que desde início ele teve relações essenciais com Lisboa, começamos por esclarecer a circunstância de ter sido em 1434, quando eles começaram a dar frutos, com a passagem do cabo Bojador por Gil Eanes, que o infante D. Henrique mandou construir, no Restelo, em Lisboa, a Ermida de Santa Maria de Belém. Esta ermida ficaria daí em diante como lugar de apoio espiritual aos mareantes, nomeadamente dos navegadores que fizeram os Descobrimentos. São bem conhecidas as cerimónias religiosas que nela se fizeram aquando da saída de armadas descobridoras tão importantes como foram as comandadas por Vasco da Gama e Pedro Álvares Cabral.

Antes de deixarem a foz do Tejo, os descobridores oravam perante a imagem da Nossa Senhora do Restelo que foi mandada colocar na ermida ali erigida por ordem de D. Henrique. Tal escultura ainda existe pois, após múltiplas contingências e na sequência do terramoto de 1755, acabou por ir parar à atual Igreja da Conceição Velha em Lisboa, a qual havia sido anteriormente a bela igreja da Misericórdia, mandada construir por D. Manuel antes de 1517.

Essa famosa ermida veio a ser substituída pelo Mosteiro de Santa Maria de Belém, conhecido por Mosteiro dos Jerónimos (fig. 5). Esta obra deslumbrante é o fruto não apenas da devoção e desejo de grandeza de D. Manuel, mas também da sua vontade de homenagear D. Henrique, que muito admirava por ter iniciado os Descobrimentos, assumindo a consciência de terem sido eles que permitiram a ereção de tão grandiosa obra.



Figura 5. Mosteiro dos Jerónimos iniciado em 1502 em Belém

Quando em 1496, D. Manuel decidiu substituir aquela ermida por um mosteiro ainda não podia imaginar que ele ganharia uma tão grande sumptuosidade como a que alcançou devido aos resultados do descobrimento e exploração do caminho marítimo para a Índia. Foi para expressar tais factos que ele mandou colocar uma estátua daquele seu tio-avô em pose heroica no mainel do portal sul da igreja, o mais grandioso, pois era para ser visto por quem vinha do mar.

Em 1517, D. Manuel fez-se retratar «ao natural» por Nicolau Chanterene numa estátua que mandou colocar no portal axial da igreja deste mosteiro, para assim assegurar a memória de quem o mandara erguer (fig. 6).



Figura 6. D. Manuel numa escultura do portal axial da igreja do Mosteiro dos Jerónimos, 1517.

Junto do Mosteiro dos Jerónimos fica a Torre de Belém, uma construção de forma original que foi tida como uma temerosa defesa de Lisboa (fig. 7). «Magnífica» foi a palavra utilizada por Damião de Góis para caracterizar a «estrutura» da «torre de São Vicente, que chamam de Belém»¹⁷. Tal expressão continua a ser adequada para definir esta joia da arquitetura mundial que, ao ser construída entre 1514 e 1520, sob a direção de Francisco Arruda, tinha a função de proteger a entrada do porto de Lisboa e o Mosteiro dos Jerónimos.

¹⁷ GARCIA, José Manuel, *A magnífica Torre de Belém*, Vila do Conde, Verso da História, 2014.



Figura 7. Torre de Belém erguida entre 1514 e 1520 sob a direção de Francisco de Arruda.

Estamos perante um admirável testemunho de arquitetura militar que patenteia a grande originalidade de conjugar uma torre recuada com um baluarte acasamatado, posicionando-se assim na transição entre as antigas construções da Idade Média e os modernos sistemas defensivos do Renascimento.

A Torre de Belém é uma obra aparatosa e bem ornamentada que marcava uma das entradas da capital portuguesa sendo um dos testemunhos mais emblemáticos do tempo dos Descobrimentos e do chamado estilo manuelino. A formosa Torre de Belém, classificada em 1983 como Património Mundial da Humanidade, tal como o Mosteiro dos Jerónimos, continua a poder ser contemplada em toda a sua beleza original. Estamos perante um dos monumentos mais simbólicos de Lisboa e de Portugal.

Quem contempla a Torre de Belém desde logo se encanta com o esplendor decorativo patente na sua torre ao verificar que houve a preocupação de nela trabalhar com elegância e sentido estético motivos oficiais que foram colocados na sua fachada sul, como são os registos em grande formato das armas de Portugal, das esferas armilares e da cruz da Ordem de Cristo.

O Mosteiro dos Jerónimos e a Torre de Belém são fruto da vontade de D. Manuel, rei que ascendeu a uma elevada posição da História Universal visto ter sido a primeira personalidade com um poder de interferência à escala planetária, pois, ainda que ele fosse em pequena escala, ia desde o Brasil à China, passando por múltiplas zonas de África e da Ásia¹⁸.

Os monumentos que temos estado a mencionar constituem os símbolos máximos dos Descobrimentos. É de relevar o facto de, no ano em que o Mosteiro dos Jerónimos terá começado a ser erguido oficialmente no Restelo, em 6

¹⁸ Sobre o rei D. Manuel cf. José Manuel Garcia, *D. Manuel I*, Matosinhos, 2009 (reeditado em *História dos reis de Portugal*, Matosinhos, Quidnovi, 2010, pp. 633-680) e João Paulo Oliveira e Costa, *D. Manuel I*, 2.ª edição, Lisboa, Temas e debates, 2007.

de janeiro de 1502, um italiano, chamado Alberto Cantino, adquiriu em Lisboa um planisfério anónimo que aí foi concluído em outubro de 1502, tendo-o de seguida enviado a Ercole d'Este, duque de Ferrara. Nesse mapa registou-se a primeira imagem moderna da Terra que era o fruto dos Descobrimentos até então realizados, sendo por isso uma das obras-primas da História da Cartografia (fig. 8).



Figura 8. Planisfério português anónimo, conhecido por «mapa de Cantino», concluído em Lisboa, em outubro de 1502. Biblioteca Estense e Universitaria, Modena. Primeira representação do mundo tal como foi visto no fim dos Descobrimentos dos finais do século xv.

Em 1500, para sede dos seus domínios, D. Manuel decidiu construir um novo palácio que ficou conhecido por Paço da Ribeira, pois ficava junto à margem direita do rio Tejo assim permitindo uma fácil ligação ao rio e ao mar¹⁹. A intenção do rei ao construí-lo nessa zona, para nele habitar quando estava na cidade, era deixar o velho Paço da Alcáçova situado no castelo de São Jorge. O início da nova edificação surgiu na sequência da auspiciosa viagem realizada por Vasco da Gama entre 1497 e 1499, a qual abriu o caminho marítimo para a Índia, de onde se esperava a vinda de muitas riquezas.

O Paço da Ribeira acabou por não ter um aspeto muito sumptuoso pois ficava situado por cima das instalações da Casa da Índia e Guiné, dos armazéns do reino e de uma grande armaria, as quais haviam sido estabelecidas no local onde havia desde o reinado de D. Dinis umas imponentes tercenas destinadas à construção e reparação de navios.

¹⁹ Sobre este palácio e o seu enquadramento cf. Nuno Senos, *O Paço da Ribeira, 1501-1581*, Lisboa, 2002 e Carlos Caetano, *A Ribeira de Lisboa na época da Expansão Portuguesa (séculos xv a xviii)*, Lisboa, Pandora, 2004.

O referido complexo arquitetónico manuelino ocupava a zona correspondente aproximadamente aos atuais Paços do Concelho, da Câmara Municipal de Lisboa, e edifícios anexos localizados entre a Praça do Município, a Rua do Arsenal, a Rua do Comércio e a Rua do Ouro.

Na sequência da construção do Paço da Ribeira foi aterrada uma vasta área que lhe ficava a oriente e em frente das casas que foram adossadas à parte sul da cerca fernandina. Dessa forma iniciou-se uma nova praça que foi chamada Terreiro do Paço. Este correspondia à metade norte da atual Praça do Comércio, tendo esta resultado de um alargamento efetuado aquando da reconstrução pombalina subsequente ao terramoto de 1755.

Tal terreiro foi delimitado a ocidente por uma extensa galeria, que chegou a ter dois andares com varandas de grande aparato, de onde se tinha uma magnífica vista sobre o rio e o mar. Esta estrutura ligava o Paço da Ribeira a um «baluarte» construído entre 1508 e 1510, o qual era uma torre na margem direita do Tejo destinada a defender a área vizinha. Esta obra foi erguida sob a direção de Diogo de Arruda e visava compensar a desvalorização progressiva das muralhas fernandinas, que estavam a ser ultrapassadas pelo crescimento da cidade para ocidente (Cais do Sodré e Bairro Alto) e na Ribeira.

A partir de 1581, por ordem de Filipe II de Espanha e I de Portugal, essa torre, que já então estava em ruínas, veio a ser transformada, sob a direção de Filipe Terzi, num torreão apalaçado que marcou daí em diante a imagem da cidade. Ainda hoje a sua forma aproximada está patente no torreão que o substituiu depois do terramoto de 1755, embora este esteja situado algumas dezenas de metros mais à frente do sítio onde estava a construção original²⁰.

O interesse de D. Manuel pela renovação de Lisboa ficou patente quer na promulgação de várias regras a seguir nas construções e arruamentos da cidade quer na ereção, a partir de 1513, de um vasto conjunto de obras que fechavam a oriente o Terreiro do Paço, entre as quais constavam uma Alfândega Nova e a Misericórdia²¹.

²⁰ Cf. *O lugar do Torreão: imagem de Lisboa = The place of the Tower: image of Lisbon*, Lisboa, Museu de Lisboa, EGEAC, 2019.

²¹ CARITA, Helder, *Lisboa manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna: 1495-1521*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999, obra básica para compreender o conjunto das transformações por que passou Lisboa no reinado de D. Manuel e nos tempos que lhe sucederam. Cf. ainda *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio: história de um espaço urbano*, coordenação de Miguel Figueira de Faria, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Universidade Autónoma de Lisboa, 2012.

Em torno do Terreiro do Paço, D. Manuel criou um novo centro de poder político e económico que estava situado próximo do Tejo e onde podia ver de perto as partidas e chegadas dos navios que sulcavam os oceanos. Podia-se dizer, com toda a propriedade, que o poder político absolutista do rei se sobrepunha e dominava uma economia à escala mundial.

No novo paço D. Manuel controlava não apenas o enorme afluxo de mercadorias que então se transacionavam na cidade, quer com a Europa quer com o resto do mundo, mas também a intensa construção naval na vizinha Ribeira das Naus, que substituiu as velhas tercenas medievais, que anteriormente se situavam no local onde agora estavam os armazéns e o palácio.

O Paço da Ribeira começou a ser habitado ainda em 1505 e foi nele que D. Manuel passou a maior parte do seu tempo, exceto nos períodos em que teve de deixar Lisboa para fugir de pestes ou ir veranejar para Sintra ou Almeirim. Curiosamente foi logo em 1505 que dele se teve de afastar por causa da peste que em outubro desse ano se abateu sobre Lisboa. Neste ensejo podemos refletir como Fernão de Magalhães escapou por pouco ao perigo daquela terrível epidemia ao ter embarcado para a Índia em 25 de março de 1505. A corte portuguesa só voltou à capital em 1511 e foi no Paço da Ribeira que o rei veio a falecer em 13 de dezembro de 1521, sob os efeitos de uma outra epidemia que erradamente supusera ter acabado.

Na renovação da Lisboa manuelina é ainda de salientar a construção de um grande cais de pedra no Terreiro do Paço, concluído em 1509; a colocação em 1510 de um novo pelourinho no Terreiro do Paço; a renovação do Chafariz Del-Rei em 1517 e uma importante intervenção na principal artéria da cidade, a Rua Nova dos Mercadores, que em 1515 acabou de ser calcetada. Esta artéria, que surgira no reinado de D. Dinis, media cerca de 286 metros de comprimento por uns 9 metros de largura, na sua parte mais larga.

Além da renovação de algumas ruas que articulavam várias partes de Lisboa é de realçar a construção de uma Rua Nova Del-Rei ligando uma praça central de Lisboa, como era o Rossio, à Rua Nova dos Mercadores e, na sua sequência, à nova praça ribeirinha do Terreiro do Paço e ao rio.

A memória desta Lisboa deslumbrante ficou bem expressa numa rica e abundante iconografia quinhentista que nos permite visualizar a sua imagem no tempo dos Descobrimentos (figs. 9 y 10).



Figura 9. Lisboa com o Paço da Ribeira destacado numa iluminura atribuída a António de Holanda, no chamado *Livro de horas de D. Manuel*, cerca de 1525 (?). Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa.



Figura 10. Lisboa e foz do Tejo numa iluminura de António de Holanda na chamada *Genealogia dos reis de Portugal*, 1530-1534. British Library, Londres.

Uma das primeiras imagens da Lisboa manuelina encontra-se no frontispício iluminado de uma cópia da primeira parte da *Crónica de D. João I* por Fernão Lopes, que se conserva na Torre do Tombo (fig. 11). Foi em 1434, quando começaram os Descobrimentos, com a passagem do cabo Bojador por Gil Eanes, que o autor aqui referido foi oficialmente nomeado cronista-mor do reino, tendo sido em 1443 que, na citada obra, ele evocou Lisboa da seguinte forma: *Ó cidade de Lisboa, famosa antre as cidades, forte esteio e coluna que sustém todo Portugal!*²².

²² LOPES, Fernão, *Crónica de D. João I, primeira parte*, apresentação de José Manuel Garcia, Alfragide, Ediclube, 1995, cap. CLX, p. 399.

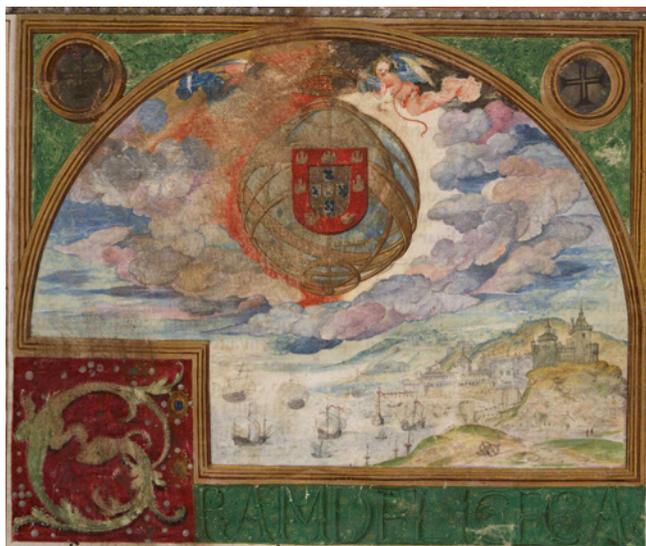


Figura 11. Lisboa numa iluminura da primeira parte da *Crónica de D. João I* de Fernão Lopes, cerca de 1513-1518 (?). Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa.

A imagem de Lisboa a que aqui aludimos apresenta uma das primeiras vistas de Lisboa, talvez feita entre 1513 e 1517, onde se destaca o Paço da Ribeira, além de apresentar o velho Paço da Alcáçova, no Castelo de São Jorge. Aí está presente uma simbologia heráldica em que as armas de Portugal estão inscritas numa esfera armilar, a divisa de D. Manuel. Esta solução veio a ser adaptada e adotada pela República Portuguesa para representar o Estado.

Para uma boa administração de Lisboa, D. Manuel mandou dar-lhe em 1500 o primeiro dos muitos forais novos que então mandou fazer para todas as povoações do reino²³ e em 1502 deu-lhe um novo regimento dos vereadores²⁴, que serviu de modelo aos regimentos dados às câmaras municipais que mandou imprimir e aplicar em todo o país.

Em 1504, D. Manuel deu um regimento para o bom funcionamento do novo e grande Hospital de Todos os Santos, que, entretanto, começara a funcionar em 1502 no Rossio, dez anos depois do lançamento da sua primeira pedra em 1492. Era ainda nesta praça central que se situava o importante Palácio dos Estaus, construído por ordem do Infante D. Pedro.

²³ GARCIA, José Manuel, *Os forais novos do reinado de D. Manuel*, Lisboa, Banco de Portugal, 2009.

²⁴ GARCIA, José Manuel, «As iluminuras de 1502 do “livro carmesim” e a iconologia manuelina», *Cadernos do Arquivo Municipal*, 8, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 2005 (2006), pp. 38-55.

Em 1509, D. Manuel deu um regimento à Casa de Índia e aos armazéns do reino que lhe estavam anexos, sendo que eram as principais instituições económicas ligadas aos interesses ultramarinos.

As muitas iniciativas de D. Manuel em Lisboa levaram Francisco de Holanda a escrever em 1571, quando elogiou a relação deste monarca com Lisboa, «que com o triunfo e vitória da Índia, quase a renovou de todo»²⁵. Com esta frase tão elucidativa ele mostrou a ligação dessa renovação manuelina da cidade com os Descobrimentos.

D. Manuel tinha um particular apreço por Lisboa e por isso bem poderia ter subscrito a expressiva frase formulada pela sua irmã D. Leonor, em 15 de setembro de 1495, numa carta enviada à Câmara desta cidade a perguntar se então já aí acabara a peste, pois:

*Creemos que sabeis que polo amor e grande afeição que temos a essa cidade que nenhuma cousa tanto desejamos como haver de Nosso Senhor, comprimento de saúde, pera nela podermos estar de sossego, que o tempo que fora dela gastamos, havemos que não é viver*²⁶.

A intervenção de D. Manuel em Lisboa foi importantíssima e surgiu como resposta adequada às pressões de um crescimento urbano que resultou do expansionismo português, que ele tanto impulsionou e sustentou.

A valorização de Lisboa foi em grande parte protagonizada por D. Manuel pois este monarca compreendeu a necessidade que Portugal tinha, como potência global que era, de possuir uma cidade grandiosa e bem situada geograficamente para centralizar um vasto domínio político e económico à escala mundial.

O crescimento da importância de Lisboa nos inícios do século XVI inscreveu-se, pois, numa lógica de consolidação de um influente centro de decisões, pois só a concentração de um poder forte e organizado poderia viabilizar um movimento expansionista tão ambicioso como aquele que Portugal então protagonizou. Com efeito, Lisboa assumiu-se, no reinado de D. Manuel, como uma cidade de onde emanava uma política de intervenção em todas as partes da Terra. Tal realidade exigiu aí a presença constante do rei, para assim se conseguir ter uma eficaz capacidade de resposta aos problemas que iam surgindo (figs. 12 y 13).

²⁵ *Da fábrica que falece à cidade de Lisboa*, edição de José da Felicidade Alves, Lisboa, Livros Horizonte, 1985, p. 14.

²⁶ FONSECA BENEVIDES, Francisco da, *Rainhas de Portugal estudo histórico com muitos documentos*, tomo I, Lisboa, Tipografia Castro Irmão, 1878, p. 308.



Figura 12. Lisboa numa iluminura atribuída a António de Holanda no frontispício da *Crónica de D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão, cerca de 1520. Museu Condes de Castro Guimarães, Cascais.



Figura 13. Parte portuguesa do globo terrestre, de acordo com o estipulado no Tratado de Tordesilhas, representada com as armas de Portugal nos continentes africano e asiático expressando as ideias imperiais de D. Manuel. Pormenor do frontispício iluminado da *Crónica del-rei D. Afonso Henriques* de Duarte Galvão no exemplar que pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, cerca de 1520. Biblioteca Pública Municipal do Porto.

De acordo com indicações estatísticas relativas ao conjunto da população de Lisboa sabemos que em 1527 a cidade contaria com uns 60 000 habitantes,

atingindo pelos meados do século XVI cerca de 100 000. Lisboa era assim uma das maiores e mais importantes cidades da Europa. Por volta de 1527, Portugal tinha cerca de um milhão e duzentas mil pessoas.

Um dos melhores louvores da Lisboa manuelina foi registado cerca de 1533 por Garcia de Resende ao escrever: «Lisboa vimos crescer / em povos e em grandeza / e muito se nobrecer / em edifícios, riqueza / em armas e em poder; / porto e trato não há tal / a terra não tem igual / nas frutas, nos mantimentos»²⁷.

Ao pensarmos o que era o movimento dessa Lisboa cosmopolita e exótica, fruto dos Descobrimentos, podemos imaginar D. Manuel a cavalgar, acompanhado por elefantes, em ruas com intenso movimento de gentes das mais variadas origens, desde europeus a asiáticos, passando por numerosos africanos e alguns ameríndios. Pela primeira vez a cosmopolita Lisboa afirmava-se como uma cidade onde se manifestava uma ampla multiculturalidade.

Como símbolo do exotismo desta Lisboa dos Descobrimentos, podemos recordar a grande admiração causada pelo rinoceronte do Guzarate enviado por Afonso de Albuquerque a D. Manuel, o qual chegou a Lisboa em 20 de maio de 1515. A sua figura foi esculpida na Torre de Belém e divulgada através de uma famosa gravura de Albrecht Dürer, além de várias iluminuras.

O sucesso da ambiciosa estratégia imperial adotada por D. Manuel foi concomitante com o crescimento de Lisboa, que ele quis transformar numa nova Roma. Essa ideia perpetuou-se até ao século XVII, como o revelou Diogo Mendes de Vasconcelos ao afirmar, em 1608, que Lisboa «é digna de ser cabeça do império de toda a Terra»²⁸.

Para mostrar a ligação de Lisboa a alguns casos dos Descobrimentos podemos esclarecer alguns que são do maior interesse. Um deles é o facto pouco conhecido e do maior realce da vida do grande descobridor Vasco da Gama que consiste na circunstância de ele ter habitado em Lisboa num sítio que foi referido numa procuração, de 22 de março de 1518, com as seguintes palavras: «na cidade de Lisboa, ao Chafariz Del-Rei, nas casas da morada do senhor almirante Dom Vasco da Gama»²⁹. Por estas indicações verifica-se que, em 1518, Vasco da Gama morava junto ao Chafariz Del-Rei, o qual acabara de ser renovado em 1517.

²⁷ *Livro das obras de Garcia de Resende*, edição de Evelina Verdelho, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994, pp. 571-572.

²⁸ *Do sítio de Lisboa. Dialogo*, Lisboa, Luís Estupinão, 1608, p. 241.

²⁹ BAIÃO, António, «Vasco da Gama e as suas expedições à Índia (com documentos novos)», in *Dois conferências no Paço Ducal de Vila Viçosa*, s. l., 1956, pp. 41-42.

Esta alusão é um bom pretexto para evocar o facto de termos imagens quinhentistas que nos permitem visualizar tanto o Chafariz Del-Rei (fig.14) como a Nova dos Mercadores (fig. 15), onde descendentes de Vasco da Gama tiveram uma casa perto do Chafariz dos Cavalos.



Figura 14. Chafariz Del Rei em Lisboa numa pintura flamenga talvez baseada em desenho de Jan Huygen van Linschoten feito entre 1580 e 1583. Coleção Berardo, Lisboa.



Figura 15. Rua Nova dos Mercadores em Lisboa numa pintura flamenga talvez baseada em desenho de Jan Huygen van Linschoten feito entre 1580 e 1583. Kelmscott Manor Collection, Society of Antiquaries of London, Londres.

As imagens a que aqui nos referimos são pinturas flamengas anónimas cuja origem poderá remontar a menos de sessenta anos após a morte de Vasco da Gama, ocorrida em Cochim em 25 de dezembro de 1524. Embora essas obras não estejam datadas nem assinadas admitimos a possibilidade de terem sido feitas com base em desenhos traçados entre 1580 e 1583 por Jan Huygen van Linschoten, um holandês que então esteve em Lisboa, antes de ter ido para Goa, onde veio a desenhar essa cidade e as suas gentes em imagines que foram gravadas na sua obra *Itinerario*, impressa em Amesterdão em 1596³⁰. Aí se apresenta uma imagem da Rua Direita dos Leilões de Goa (fig. 16) que é facilmente comparável com a da imagem da Rua Nova dos Mercadores de Lisboa que acima referimos.



Figura 16. Rua Direita dos Leilões em Goa, gravura publicada no *Itinerario* de Jan Huygen van Linschoten, Amesterdão, 1596.

Em Lisboa as zonas mais cosmopolitas e movimentadas eram, além do Terreiro do Paço, atual Praça do Comércio, as referidas Rua Nova dos Mercadores, o Chafariz Del Rei e o Rossio.

A divulgação da imagem de Lisboa no tempo de Magalhães foi largamente divulgada a partir de 1572, o ano da publicação de *Os Lusíadas*, quando foi impressa a primeira gravura a representar cidade numa edição da responsabilidade de Georg Braun (fig. 17). Essa obra baseia-se numa imagem mais antiga que talvez possa ter feita entre cerca 1513 e 1517. Essa gravura foi depois várias vezes reeditada, sendo uma delas em 1598, na edição ampliada e póstuma da *Cosmographia* de Sebastian Münster (fig. 18), a que já nos referimos

³⁰ *Itinerário: viagem ou navegação para as Índias Orientais ou Portuguesas*, edição de Arie Pos e Rui Manuel Loureiro, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997.

por nela ter sido colocada a figuração da Europa sob a forma de rainha (fig. 3). Por coincidência curiosa foi também neste ano de 1598 que Georg Braun publicou uma segunda gravura de Lisboa (fig. 22). Esta representação segue um modelo traçado cerca de 1567 de que há um desenho na Biblioteca Nacional de Viena (fig. 21) a qual serviu de base à referida gravura em que se lhe juntaram cento e quarenta legendas. No referido desenho há uma representação da costa da região de Lisboa situada entre Santos e Cascais que foi acrescentada na edição da gravura de Lisboa publicada em 1572³¹.



Figura 17. Lisboa com a região entre Santos e Cascais numa gravura publicada por Georg Braun em *Civitates orbis terrarum*, volume I, Colónia, 1572. A representação de Lisboa baseia-se num desenho cujo original talvez possa datar de entre cerca 1513 a 1517, sendo que o desenho da parte de baixo é posterior.

³¹ Sobre esta imagem cf. GARCIA, José Manuel, «A representação dos conventos de Lisboa cerca de 1567 na primeira planta da cidade», *Revista de História da Arte*, núm. 11, Lisboa, 2014, pp. 35-49, e Annemarie Jordan Gschwend e K. J. P. Lowe, em *A cidade global: Lisboa no Renascimento = The global city: Lisbon in the Renaissance*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2017, 2017, pp. 34-37.



Figura 18. Lisboa numa gravura da *Cosmographie, das ist Beschreibung aller Länder* (...), edição póstuma da obra de Sebastian Münster, Basileia, 1598 (cópia da gravura publicada em 1572 por Georg Braun).

A força da tradição das imagens gravadas de Lisboa é tão grande que aquela que surgira na referida gravura de 1572, reeditada na edição de 1598 da obra de Münster foi retomada em 1619 numa extensa gravura editada em Amesterdão por Jacobus Hondius (fig. 19), não sabemos se adaptada de um eventual original que serviu de base à gravura de 1572, ou apenas nesta, considerando que apresenta algumas diferenças que não sabemos se foram apenas resultantes da intervenção do seu editor. É de assinalar que a edição desta gravura de 1619 surgiu precisamente cem anos depois de Fernão de Magalhães ter partido para a sua grande viagem, em 1519. No ano em que se editou a referida gravura de 1619, Filipe III de Espanha, II de Portugal, veio a Lisboa, cidade que foi então representada numa nova imagem inserida na obra de João Baptista Lavanha intitulada *Viagem da Catholica Real Magestad del rei D. Filipe II N. S.*, impressa em Madrid, em 1622 (fig. 20). Essa nova imagem seguia um modelo pintado cerca de 1620 num quadro de grandes dimensões da autoria de Domingos Vieira Serrão que se encontra na Igreja de São Luís dos Franceses em Lisboa³².

³² Cf. GARCIA, José Manuel, «Sobre a possível autoria da vista de Lisboa do Castelo de Weiburg», in *Praça universal de todo o orbe. Uma vista de Lisboa em 1619*, coordenação de Pedro Flor, Lisboa, Museu de Lisboa, 2019, pp. 77-85.



Figura 19. *Lisboa amplissima lusitaniae civitas, totius indiae orientalis et occidentalis: emporium celeberrimum*, (A enorme cidade portuguesa de Lisboa, uma cidade mercantil muito famosa por todas as Índias oriental e ocidental). Gravura de Joducus Hondius, Amesterdão, 1619.



Figura 20. Lisboa no desembarque de Filipe II em 29 de junho de 1619 numa gravura segundo desenho de Domingos Vieira Serrão publicada por João Baptista Lavanha em *Viagem da Catholica Real Magestad del rei D. Filipe II N.S.*, Madrid, 1622.



Figura 21. Lisboa num desenho que terá sido feito cerca de 1567. Viena, Österreichische Nationalbibliothek, Codex Miniatus, 41, f. 50.

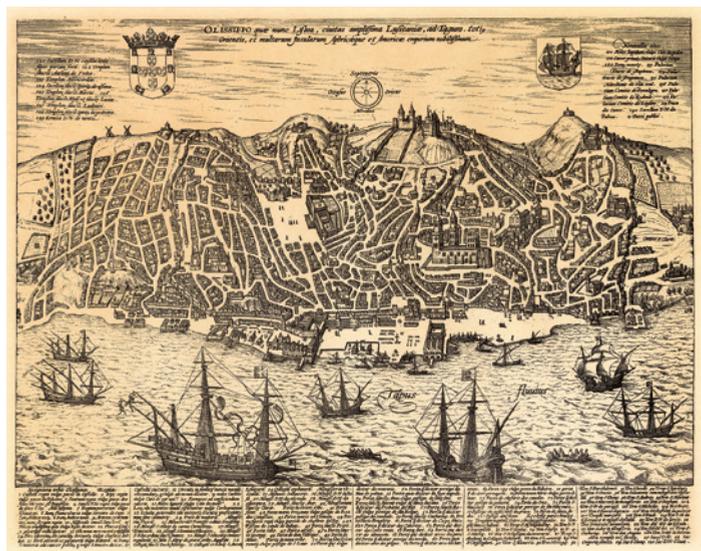


Figura 22. Lisboa numa gravura publicada por Georg Braun em *Urbium praecipiarum mundi theatrum quintum*, volume 5, s. l., 1598, de acordo com um desenho cujo original data de cerca de 1567.

Nesta obra Lavanha descreveu todas as faustosas festividades que acompanharam a recepção prestada do rei, tendo até o cuidado de registrar que quando Filipe II de Portugal chegou à cidade estava a aguardá-lo o doutor Inácio Ferreira, deputado da Mesa da Consciência e Ordens, que o recebeu com um discurso onde, a propósito da vinda do rei a Lisboa desejava:

que esta entrada seja tão próspera e temida dos inimigos como era de nós desejada e para toda Espanha necessária. Digo, senhor, para toda Espanha porque seu amparo e aumento consiste em vossa majestade fazer cabeça do seu império esta antiga e ilustre cidade, mais digna dele que todas as do Mundo, assistindo aqui com sua real corte, pois é o coração e meio de todos os seus Estados, donde se poderá com mor facilidade acudir a todas partes sem se perder ocasião (f. 22v da versão portuguesa).

Segundo Lavanha, «A toda esta prática esteve sua majestade com muita atenção e baixando Inácio Ferreira um degrau, sua majestade lhe deu as graças e que se lembraria do que lhe havia dito e lhe faria mercê». A verdade é que, pela falta de lembrança que manifestou em dar relevo a Lisboa, a esperança que os representantes de Lisboa então manifestaram de que a cidade ainda pudesse vir a ser a capital de Espanha foi-se esfumando rapidamente³³.

Acabamos estas evocações sobre a Lisboa dos Descobrimentos com uma indicação curiosa e pouco conhecida relativa a uma conceção tão bizarra e estranha como é a de ver Lisboa como sendo Nova Iorque, a qual passamos a expor.

Em 1624, os holandeses fundaram uma povoação na América do Norte a que deram o nome de Nova Amesterdão, tendo-a perdido em 1664 para os ingleses, que a rebatizaram como Nova Iorque. Poucos anos depois deste acontecimento, em 1672, não havendo uma imagem da cidade em causa, e ainda com o nome holandês de Nova Amesterdão, o tipógrafo francês Gerard Jollain imprimiu em Paris uma gravura intitulada *Nowel Amsterdam en Lamerrique: 1672* (fig. 23). A curiosa questão que tal realização coloca é a de que para fazer essa representação de Nova Amesterdão o referido editor limitou-se a usar para esse efeito uma imagem de Lisboa, tal como já havia sido representada em 1598 na gravura que Georg Braun então publicou. Foi, pois, sob esta bem conhecida forma de mostrar Lisboa que foi apresentada Nova Amesterdão, a qual passou a ser chamada Nova Iorque com os ingleses e surge as-

³³ Sobre a iconografia de Lisboa no século XVII cf. GARCIA, José Manuel, *Lisboa do século XVII «a mais deliciosa terra do Mundo»: imagens e textos nos quatrocentos anos do nascimento do padre António Viera*, Lisboa, Gabinete de Estudos Olisiponenses/Câmara Municipal de Lisboa, 2008.

sim como um lugar imaginário, que por certo muito espantaria aqueles que conheciam Lisboa e aquela sua imagem.



Figura 23. Representação de Nova Amsterdão (Nova Iorque) numa gravura impressa por Gerard Jollain em Paris em 1672 onde se copia, com adaptações, a gravura de Lisboa impressa em 1598 por Georg Braun.

O editor desta gravura usou e falsificou em 1672 uma chapa publicada inicialmente em 1598 que entretanto havia sido usada pelo tipógrafo francês Jean Sauvé, para fazer uma cópia de *Lisbona* tendo-lhe tirado os nomes que identificavam locais de Lisboa substituindo-os por nomes que alegadamente se referiam à povoação americana, apresentando em rodapé um texto em francês e latim sobre a povoação ali evocada³⁴.

Por esta divertida e incrível fraude cartográfica, bem se vê a importância que assumia a imagem de Lisboa então adotada para encantar os curiosos que queriam saber como seria Nova Iorque, não se podendo então imaginar que esta se viria tornar um centro do mundo, como havia sido Lisboa mais de cem anos antes da fundação de Nova Amsterdão.

³⁴ BENISOVICH, Michel, «Uma fraude cartográfica, ou como uma vista de Lisboa se transformou numa vista de Nova Iorque», *Olisipo*, ano XVII, núm. 67, Lisboa, julho de 1954, p. 109-112.

3. FERNÃO DE MAGALHÃES E LISBOA

Foi a partir de Lisboa que foi possível começar a ter a visão da Terra que hoje temos, a qual culminou com a ação de Fernão de Magalhães. É necessário promover e divulgar factos fundamentais que alcançaram um enorme destaque na História bem como a circunstância de Magalhães ter vivido parte importante da sua vida em Lisboa. Foi esta realidade que lhe permitiu vir a tornar-se um símbolo da mundialização ao ter realizado a sua famosa viagem ao serviço de Castela durante a qual veio a culminar os Descobrimentos.

A ligação de Magalhães a Lisboa acabou por permitir-lhe ser uma das figuras mais notáveis da História. É para evocar e valorizar uma tal realidade que aqui a vamos elucidar³⁵.

Magalhães nasceu no Porto cerca de 1480 e poderá ter vindo para Lisboa cerca de 1492, tendo-se então colocado ao serviço da rainha D. Leonor, mulher de D. João II e irmã de D. Manuel.

O que mais nos importa relevar na fase inicial da vida de Magalhães é a circunstância de ele ter atestado a sua presença em Lisboa antes e depois de ter estado mais de sete anos no Oriente, entre setembro de 1505 e fevereiro de 1513, onde se destacou pela sua coragem em importantes ações em que participou.

Magalhães integrou-se na tripulação da poderosa armada comandada por D. Francisco de Almeida que deixou Lisboa em 25 de março de 1505. Ao iniciar essa viagem para o Oriente, Magalhães não podia imaginar estar a começar um processo que dezasseis anos depois, em 1521, o iria conduzir à conclusão de forma indireta da primeira volta à esfera do mundo quando então descobriu as Filipinas.

Em meados de 1513, Magalhães estava de regresso a Lisboa, depois de ter adquirido uma enorme experiência de navegações oceânicas pois até então cursara à ida e à vinda o oceano Atlântico e o oceano Índico ocidental, ao percorrer a extensa Carreira da Índia; fizera uma viagem de ida e volta no oceano Índico ocidental, entre a Índia e a África Oriental; fôra por duas vezes ao Índico Oriental em viagens de ida e volta, entre a Índia e Malaca, e, finalmente, realizou uma viagem de ida e volta no oceano Pacífico entre Malaca e as Molucas do Sul. Ficava assim bem provada em toda a sua extensão a afirmação de que Magalhães tinha percorrido «as costas de todo o Oriente»³⁶, a

³⁵ Sobre este assunto cf. o que já escrevemos em «Fernão de Magalhães em Lisboa: nos quinhentos anos da primeira volta ao mundo», *Rossio. Estudos de Lisboa*, núm. 9, Lisboa, Gabinete de Estudos Olisiponenses, dezembro de 2020, pp. 233-249 (consultável em: [rossio_9 \(1\).pdf](#)).

³⁶ No original latino: *oras totius orientis peragravit*.

qual foi feita em 1522 por Maximiliano Transilvano numa carta onde relata a grande viagem de Magalhães, a qual foi impressa pela primeira vez em janeiro de 1523, em Colónia, com o título *De Moluccis insulis*.

Magalhães deixou Malaca em 11 de janeiro de 1513 e chegou a Cochim em 10 de fevereiro desse ano no navio *Santa Cruz*, nele partindo logo de seguida para Lisboa, onde atracou ainda nesse mesmo ano.

Pouco depois da sua chegada a Lisboa, Magalhães integrou-se na armada que foi à conquista de Azamor, aí tendo ficado até novembro de 1514. Foi durante essa estada que ele foi ferido numa perna e deparou-se com intrigas que vieram a prejudicar a sua imagem nos anos seguintes.

A compreensão das motivações e circunstâncias que levaram Magalhães a empenhar-se numa dolorosa ida para Espanha em 1517 e aí proceder à realização do projeto que o imortalizou é uma temática essencial para entendermos o facto de ele se ter tornado um dos mais notáveis descobridores de todos os tempos. É de realçar que ele não seria lembrado se não tivesse concebido e levado a cabo o seu projeto em Lisboa, o que só aconteceu porque ele não viu satisfeitas as exigências que fizera em Portugal³⁷.

O fulcro do esclarecimento da problemática da formação do plano de Magalhães em ir às Molucas por ocidente está centrada numa informação decisiva fornecida por João de Barros ao referir o teor da carta enviada em 1516 por Magalhães ao seu amigo Francisco Serrão em resposta à carta que este lhe escrevera em 1514 incitando-o a ir ter com ele às Molucas. Magalhães

*dizia que, prazendo a Deus, cedo se veria com ele [nas Molucas]; e que, quando não fosse per via de Portugal [por oriente], seria per via de Castela [por ocidente], porque em tal [mal] estado andavam suas cousas [com D. Manuel]; portanto que o esperasse lá [nas Molucas]*³⁸.

As relações de Magalhães com D. Manuel já não andavam bem em 1516 devido ao problema que resultava daquele ter pedido ao rei para lhe aumentar o valor da moradia que recebia, a qual em 15 de abril de 1516, era de 1250 reais, querendo passar a receber mais 200 reais, isto é, um total de 1450 reais. O rei não lhe quis dar esses 200 reais, mas apenas 100 reais, ficando assim a faltar o aumento de 100 reais para satisfazer a pretensão do navegador. Tal facto levou a que Magalhães não tivesse ficado satisfeito e recusasse o aumento

³⁷ Sobre este assunto cf. o que escrevemos em «Em torno da génese do projeto da grande viagem de Fernão de Magalhães», *Memórias 2019*, volume XLIX, Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 153-170.

³⁸ *Terceira decada da Asia de Ioam de Barros: Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento & conquista dos mares & terras do Oriente*, Lisboa, João de Barreira, 1563, liv. V, cap. 8, fl. 146.

proposto. Este sentiu-se de tal forma agravado na sua honra que preferiu renunciar ao serviço do rei e ficar com vontade de o prejudicar, mesmo que para esse efeito tivesse de ir viver para Espanha e pôr-se ao serviço de Carlos V.

O problema do aumento da moradia foi o motivo que oficialmente levou à rotura entre Magalhães e D. Manuel, mas há a ponderar a situação que consistiu no facto de ele querer ir às Molucas, embora obviamente tal vontade se articule e dependa da questão anterior, pois foi ela que a despoletou.

Por volta de abril de 1516, Magalhães verificou que o rei se recusava a conceder-lhe quer o aumento pretendido da sua moradia quer a autorização de ir ter com o seu amigo Francisco Serrão às Molucas por uma via asiática como ele queria. Foi devido à conjugação destes dois fatores que Magalhães amadureceu a dura decisão de gerar um projeto pelo qual se pudesse vingar das atitudes negativas de D. Manuel para com ele.

Para datar o início da referida rotura é importante apontar afirmações formuladas por Rui de Brito Patalim, que conhecera Magalhães em Malaca, de onde ele regressou a Lisboa por meados de 1515. As afirmações a que nos referimos foram expressas por Patalim em Tomar, em 25 de agosto de 1523, e referem que ele: «achou ainda Fernão de Magalhães na corte e neste reino pacífico e bem fora de se ir dele, e que estaria depois da vinda dele testemunha ainda um ano, ou pouco menos, ficando já o trato de Maluco assentado e pacífico como dito é»³⁹. Estas palavras contribuem decisivamente para datar talvez de abril de 1516 o início da revolta de Magalhães contra D. Manuel, isto é, menos de um ano após Patalim ter chegado a Lisboa.

Foi depois de Magalhães ter uma resposta negativa às suas pretensões em 1516 que ele respondeu à carta de Francisco Serrão que acima citámos, nela se expressando já as suas reservas perante um rei que lhe tinha ganho aversão.

A rutura final do navegador para com o rei só veio a acontecer depois de D. Tristão de Meneses ter seguido de Lisboa rumo às Molucas em 9 de abril de 1517 por via da Índia e de Malaca, pois essa era a viagem que Magalhães pretendia fazer.

Magalhães ainda aguardou em Lisboa até ver recusados definitivamente as suas pretensões pelo que só após ter acabado de receber em 19 de maio de 1517 o resto do dinheiro que se lhe devia dos 200 cruzados de um negócio que havia feito na Índia em 1510 é que abandonou a capital portuguesa em 1517⁴⁰.

Foi um homem amargurado que em 20 de outubro de 1517 chegou a Sevilha com o desejo de se vingar de D. Manuel.

³⁹ As gavetas da Torre do Tombo, volume III, Lisboa, 1963, p. 36.

⁴⁰ GARCIA, José Manuel, *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, Lisboa, Editorial Presença, 2007, p. 37.

Perante o ambiente adverso às suas ambições e pretensões em Lisboa, Magalhães decidiu levar avante o seu projeto de ir às Molucas por ocidente pois só assim lograria enriquecer a reagir contra o procedimento que D. Manuel tivera para com ele e tinha por ofensivo, visto que o desconsiderava. Neste contexto são de sublinhar as bem esclarecedoras palavras que o próprio Magalhães registou em Sevilha, em 6 de novembro de 1518, ao afirmar:

partió del reino de portugal despedido del Rey de portugal e que llego a esta ciudad de Sevilla a veinte dias del mes de Octubre este que agora paso hizo un año é que vino con determinación de ir al Rey nuestro señor para le hacer saber un negocio que mucho importaba a su servicio⁴¹.

Perante estas palavras, é óbvio que foi por o despacho régio de 1517 ter sido negativo às suas pretensões que Magalhães se tinha por «despedido» pelo rei de Portugal, tendo por isso partido de Lisboa para Sevilha com o desejo de ir «fazer saber um negócio que muito importava» ao rei de Castela, isto é, mostrar-lhe que as Molucas lhe pertenciam e como ele lá poderia chegar através de uma via ocidental alternativa que se propunha descobrir.

É de atentar que Fernando Oliveira, ao abordar esta problemática, também usou a palavra «despedido» no que se revela bem informado dos assuntos relacionados com Magalhães. Eis o que ele escreveu:

Fernão de Magalhães, vendo-se de todo desfavorecido, pediu licença a el-rei pera se ir viver a outro reino onde quer que achasse vida, e el-rei lha deu, com a qual licença, (d)espedito Fernão de Magalhães de Portugal, se foi ao reino de Castela, onde reinava o imperador Carlos Quinto, ao qual deu conta do que entendia acerca da conquista de Maluco e dos limites de seu sítio; o que, tudo bem entendido pelo imperador e pelos do seu conselho, mandou o dito imperador que dessem a Fernão de Magalhães cinco navios bem equipados e armados, com que fosse descobrir a viagem per onde comodamente se pudesse navegar pera Maluco⁴².

Neste contexto é necessário voltar a realçar o facto de que só a ida de Magalhães às Molucas em 1512 justificava a fama de grande descobridor que ele tinha ao chegar a Castela em 1517, a qual foi afirmada perentoriamente e de forma bem elucidativa em 6 de novembro de 1518 pelo influente Juan de

⁴¹ *Colección general de documentos relativos a las Islas Filipinas existentes en el Archivo de Indias de Sevilla*, tomo I, Barcelona, 1918, p. 232.

⁴² GARCIA, José Manuel, *A viagem de Fernão de Magalhães e os portugueses*, Lisboa, Editorial Presença, 2007, pp. 197-198.

Aranda, feitor da *Casa de la Contratación* de Sevilha, quando esclareceu as relações que mantivera desde 1517 com o grande navegador. Ele asseverou no depoimento então prestado que:

*(...) estando en esta ciudad [de Sevilha em 1517] el comendador Magallans el dicho Magallans dijo a este que depone que sabia mucho de las cosas del altura e que habia descubierto mucha tierra é que este testigo estaba informado de portugal quel dicho Magallans sabía mucho de navegar é que por esto escribio al gran chanciller de como este hombre estaba en esta ciudad e sabia mucho, que le enviasen cedula de su alteza para que fuese alla (...)*⁴³.

Estas indicações são básicas para atestar que Magalhães, quando chegou a Sevilha, afirmava o seu muito saber náutico e sobretudo «que havia descoberto muita terra». Tais afirmações foram devidamente comprovadas por Aranda através de informações que mandou recolher em Lisboa, o que permite assim assegurar que ele participou no descobrimento das longínquas ilhas Molucas e não apenas de Malaca. Com efeito, a existência desta cidade já era conhecida antes de 1509 e já lá haviam ido europeus pelo que a sua identificação pelos portugueses nesse ano dificilmente se poderia integrar no conceito de ter sido uma das terras descobertas por Magalhães, ao contrário do que acontecia com as Molucas, ilhas onde nenhum europeu havia ido antes dele e dos seus companheiros.

Ainda assim temos de atentar que desde 1509, quando Magalhães partira a identificar Malaca, ele revelou empenho em participar em missões de exploração geográfica e económica e, por isso, não seria em 1511 que ele iria ficar em Malaca sem fazer nada e perdendo a oportunidade de participar num tão importante como lucrativo descobrimento como era o da revelação dessas ainda misteriosas ilhas Molucas, as quais foram então as terras mais longínquas e ricas do Oriente a que qualquer europeu havia ido.

Em 1509, Magalhães já revelara ter um comportamento audaz desde que se afirmou como um empenhado e interessado descobridor de novas rotas e regiões ao ir a Malaca, atitude que viria a revelar da forma mais notória possível ao decidir realizar uma tão ambiciosa como arrojada viagem de descobrimento como foi aquela em que, dez anos depois, partiu por ocidente rumo às Molucas.

Depois de Magalhães ter ido para Castela em outubro de 1517 e aí ter visto o seu projeto ser rapidamente aprovado em março de 1518 ele acabou

⁴³ *Colección general de documentos relativos a las Islas Filipinas existentes en el Archivo de Indias de Sevilla*. tomo I, Barcelona, 1918, p. 242.

por ter de enfrentar grandes dificuldades na organização da sua armada, nomeadamente no recrutamento da tripulação para os cinco navios que Carlos V lhe concedera. Magalhães conseguiu reunir duzentos e trinta e seis homens, dos quais pelo menos trinta e quatro eram portugueses (incluindo ele próprio). Destes admitimos que seis eram ou poderiam ter sido naturais de Lisboa.

Um desses homens de Lisboa foi Martim de Magalhães, que era filho de Antão Martins, um dos juízes dos órfãos de Lisboa, e de Catarina de Magalhães. Pelo nome da mãe deduz-se que era familiar de Fernão de Magalhães, embora não saibamos em que grau.

Dos outros cinco companheiros de Magalhães que seriam naturais de Lisboa um era António Fernandes, «que vivia na mouraria de Lisboa», e outro era um João Português ou João de Lisboa, sendo por este nome que podemos inferir ser de Lisboa, pois de outra forma não se lhe teria atribuído o nome da capital portuguesa.

Também de Lisboa seriam dois pilotos importantes da armada de Magalhães. Um deles era João Lopes de Carvalho, que foi «casado e morador em as Fangas de Farinha» em Lisboa. Por esta indicação pode admitir-se que era natural desta cidade, pois se não fosse dir-se-ia que era natural de outra povoação, como aconteceu com outros tripulantes.

O outro piloto era Vasco Galego, que teve uma casa em Lisboa na «Cordoaria Velha», indicação que também leva a admitir ter aí nascido e vivido até ter partido para Espanha, não havendo qualquer outra indicação onde pudesse ter nascido.

Um último tripulante que também se poderá admitir ter nascido em Lisboa é Vasquito, filho do referido Vasco Galego e de Margarida Fernandes, o qual seguiu o pai como pajem na nau *Victoria*. A hipótese de Vasquito poder ter nascido quando os seus pais ainda estavam em Lisboa tem a seu favor o facto de não se lhe ter registado atribuição de nascimento em qualquer outra povoação⁴⁴.

Lembramos que seria de toda a justiça erguer a Fernão de Magalhães e aos companheiros da sua tão fantástica viagem um memorial evocando o grande feito histórico que lograram alcançar.

O que se nos afigura ser necessário reafirmar como sendo mais marcante em toda a história de Magalhães é o facto de ter sido graças ao seu projeto concebido em Lisboa que ele conseguiu percecioneiramente a Terra tal

⁴⁴ Sobre estes tripulantes da Lisboa e dos restantes portugueses, na armada de Fernão de Magalhães certificar o que escrevemos em *Lisboa, o descobrimento do mundo e Fernão de Magalhães*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa; Estrutura de Missão V Centenário Fernão de Magalhães, 2021, p. 153-159.

como ela é. Podemos mesmo afirmar que há um conhecimento do mundo antes e outro depois da grande viagem de Magalhães.

A evocação do nome de Fernão de Magalhães nos quinhentos anos da sua grande viagem e morte (1519-1521) serve não apenas para manter viva a memória do seu nome, mas sobretudo para o lembrar como símbolo da força de vontade dos portugueses em realizar os Descobrimentos e de os ter culminado, cem anos depois de se terem tentado começar a fazer em Lisboa em 1420, isto é, há seiscentos anos⁴⁵.

Quando em 21 de outubro de 1520, Magalhães descobriu o estreito que ficou com o seu nome, ele alcançou a esperança de finalmente ter encontrado a chave que permitia o acesso à margem do outro oceano onde queria chegar –o «Mar do Sul»– que chamou Pacífico ao atravessá-lo para assim poder alcançar por ocidente as tão cobiçadas como longínquas ilhas Molucas. Ainda que Magalhães não tivesse chegado a estas ilhas, delas esteve perto quando descobriu ilhas das Filipinas em 1521, pois elas distam das Molucas apenas uns 1100 km, estando situadas a uma longitude idêntica à das Molucas, onde em 1512 já havia estado na sua parte sul. Foi assim que ele acabou por conseguir conhecer cabalmente a forma da Terra ao tê-la contornado integralmente, depois de ter navegado todos os oceanos da Terra⁴⁶. Podemos assim recorrer a uma bela metáfora dizendo que ele foi o primeiro homem a abraçar a esfera terrestre ao ter ido primeiro por oriente de Lisboa às Molucas e depois por ocidente de Sevilha às Filipinas, que estão perto umas das outras⁴⁷.

A importância do descobrimento do estreito de Magalhães está simbolizada na circunstância de Magalhães ter chorado de alegria depois de nele ter confirmado o sucesso desta fase decisiva da sua viagem e acreditar que tal feito lhe iria permitir o cumprimento da sua missão, que era chegar às Molucas. Nessa altura ele terá pensado que, apesar de todos os enormes sacrifícios por que acabara de passar, tinha valido a pena começar aquela viagem há mais de um ano em Sanlúcar de Barrameda, em 20 de setembro de 1519, e ter trocado Lisboa por Sevilha havia três anos, em outubro de 1517.

⁴⁵ GARCIA, José Manuel, «A Madeira e os seiscentos anos do início dos Descobrimentos Portugueses», *Memórias 2019*, volume XLIX, Lisboa, Academia de Marinha, 2020, pp. 281-291.

⁴⁶ GARCIA, José Manuel, «Fernão de Magalhães: o primeiro homem que navegou todos os oceanos», in *Fernão de Magalhães e o conhecimento dos oceanos. XVI Simpósio de História Marítima, 19 a 21 de novembro de 2019*, coordenação Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar, Lisboa, Academia de Marinha, pp. 433-463.

⁴⁷ GARCIA, José Manuel, *Fernão de Magalhães-herói, traidor ou mito: a história do primeiro homem a abraçar o mundo*, Queluz de Baixo, Manuscrito, 2019.

4. CONCLUSÃO

Nunca é de mais insistir no facto de terem sido os Descobrimentos que criaram um sistema de interconexões globais que marcaram o arranque de uma mundialização de contactos entre todos os pontos do nosso planeta e as suas gentes, o qual está na origem da atual globalização. Magalhães ao ter sido o primeiro homem que por experiência própria conheceu toda a Terra tornou-se um dos símbolos mais significativos do início de um tal processo.

Sobre a importância e impacto da ação de Magalhães merecem ser lembradas e destacadas criteriosas observações escritas por uma personalidade tão eminente como foi o geógrafo Élisée Reclus ao considerar que:

é de todos os pontos de vista que a primeira circum-navegação do mundo foi o acontecimento capital da nova era, a data por excelência que separa os tempos antigos do período moderno.

Antes de Magalhães, a redondeza de nossa Terra era conhecida pelos sábios; ela tinha até sido demonstrado por astrónomos e navegadores, mas permaneceu uma concepção da mente, e, ainda que entretanto os povos se tenham desde tempos imemoriais distribuído nos continentes e nas ilhas em toda a circunferência da Terra, nunca um homem consciente de seu trabalho dera a volta ao planeta. Os primeiros, Magalhães e seus companheiros, o envolveram como um fio de ouro, ao qual se ligam depois todas as malhas da rede tecida pela inumerável multidão dos exploradores que se sucederam e se sucedem na superfície do globo. É ao navegador português que devemos a linha fundamental, o equador dos itinerários que ligam no seu conjunto todas as traços geográficos. Graças a ele, a Terra constituiu-se cientificamente e fez-se a unidade tanto na história dos homens como na estrutura geral das formas terrestres⁴⁸.

Jaime Cortesão ao comentar algumas destas tão lúcidas expressões sobre «as consequências desta revolução», como Reclus também escreveu, referiu com argúcia, que: «Devido ao grande navegador, o formidável impulso dado aos descobrimentos pelo espírito organizador e os métodos científicos dos portugueses acabava de abraçar o globo»⁴⁹.

⁴⁸ Tradução da nossa responsabilidade do texto que se encontra na obra de Élisée Reclus, *L'Homme et la Terre*, Librairie Universelle, 1905, p. 265-266.

⁴⁹ CORTESÃO, Jaime, *Influência dos descobrimentos portugueses na história da civilização*, edição de José Manuel Garcia, *Jaime Cortesão - Obras completas*, volume 5, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, p. 79 (1.ª edição deste texto integrada na *História de Portugal*, direção Damião Peres, volume IV, Barcelos, Portucalense Editora, 1932, p. 238. Jaime Cortesão já valorizara parte desta passagem de Reclus em *L'expansion des portugais dans l'histoire de la civilisation*, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1930, pp. 70-71 (e na tradução portuguesa desta obra: *A expansão dos portugueses na história da civilização*, Lisboa, Livros Horizonte, 1983, pp. 69-70).

O papel de Lisboa foi determinante para se iniciar a mundialização, através do processo dos Descobrimentos.

A descoberta de «novos mundos» passou por Lisboa, pois foi daqui que partiu e chegou a maioria dos portugueses que identificaram a realidade da forma da Terra. Foi também por esta cidade que passou Fernão de Magalhães, que nela se formou e concebeu o projeto que idealizou e veio a realizar ao serviço de Castela.

RESUMEN

LA IMPORTANCIA DE LISBOA EN TIEMPOS DE FERNANDO DE MAGALLANES

Cuando tuvo lugar la primera vuelta al mundo, con el protagonismo de Fernando de Magallanes como promotor de esta idea ejecutada al servicio de Castilla, la ciudad de Lisboa podía ser considerada como reina de los mares y la madre de los descubrimientos. Lisboa actuó entonces como auténtico centro del mundo. Durante gran parte del siglo XVI, esta ciudad fue paso obligado para todos los que iban al oeste de Europa, a Brasil, y al este, a China y las Molucas, así como a muchas áreas de África y Asia. De manera simultánea, el rey D. Manuel impulsó entre 1500 y 1505 con el Paço da Ribeira un proceso de intensa renovación urbana que había comenzado mucho antes. Ahora, esa transformación de la ciudad se enmarca en el proyecto político centralizador del propio rey y en su deseo personal de convertir Lisboa en una capital imperial. A la vez, Lisboa se afirma como emporio económico y el puerto principal de toda la Península Ibérica en el Atlántico. A través de este artículo se evoca también de manera especial la geste de Fernando de Magallanes que fue decisiva para hacer posible la primera globalización del mundo.

Palabras clave: Lisboa, capital imperial, Manuel I, Fernando de Magallanes, globalización, descubrimientos, imágenes y símbolos de Lisboa, Cosmographia, Os Lusíadas.

ABSTRACT

LA IMPORTANCIA DE LISBOA EN TIEMPOS DE FERNANDO DE MAGALLANES

When the first round the world took place, with the prominence of Fernão de Magalhães as promoter of this idea executed in the service of Castile, the city of Lisbon could be considered as queen of the seas and the mother of discoveries. Lisbon then acted as the centre of the world. For much of the sixteenth century, this city was a must for all people who went to Western Europe, Brazil, and east to China and the Moluccas, as well as many areas of Africa and Asia. Simultaneously, King Manuel I promoted with the Paço da Ribeira a process of intense urban renewal between 1500 and 1505,

which had begun much earlier. At this time, the transformation of the city is part of the centralizing political project of the king himself and in his personal desire to turn Lisbon into an imperial capital. At the same time, Lisbon asserts itself as an economic emporium and the main port of the entire Iberian Peninsula in the Atlantic. This article also evokes in a special way the gesture of Fernão de Magalhães who was decisive in making possible the first globalization of the world.

Key words: Lisbon, imperial capital, Manuel, Ferdinand Magellan, globalization, discoveries, images and symbols of Lisbon, *Cosmographia*, *Os Lusíadas*.